

CULTURA ESCOLAR NAS CLASSES SECUNDÁRIAS EXPERIMENTAIS DO COLÉGIO SION PELAS MEMÓRIAS DA IRMÃ MARIA LUIZA DE SION (1959-1962)

Iasmin Emi Ferreira Fukushima¹, Norberto Dallabrida²

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia/FAED - bolsista PIBIC/CNPq

² Orientador, Departamento de Pedagogia à distância/CEAD – norbertodallabrida@hotmail.com

Palavras-chave: Classes Experimentais. Colégio Sion. Pedagogia Personalizada e Comunitária.

Em 1959, no Colégio Nossa Senhora de Sion em São Paulo, as classes secundárias experimentais entraram em funcionamento. Tais classes foram guiadas pelos cursos ministrados por Pierre Faure, padre jesuíta francês, aos gestores dos colégios católicos Nossa Senhora de Sion, Santa Cruz e Cônegas de Santo Agostinho. O presente trabalho tem como objetivo tratar da cultura escolar das classes secundárias experimentais do colégio feminino Nossa Senhora de Sion de São Paulo pelas memórias da Irmã Maria Luiza de Sion, coordenadora das classes. Entende-se que os aspectos de tal cultura escolar são apropriações da Pedagogia Personalizada e Comunitária (PPC) do Padre Faure. Com isso, investiga-se de que modo os bens culturais disponíveis, principalmente o contato com o Padre Faure e a Pedagogia Personalizada e Comunitária, foram ressignificados e apropriados formando uma prática escolar renovada e uma nova cultura escolar. A pesquisa consiste no confronto das memórias da Irmã Maria Luiza de Sion, do que teria sido praticado nas classes secundárias experimentais entre 1959 e 1962, e da PPC do Padre Pierre Faure. Estudando a renovação do espaço e do tempo como aspectos de uma nova cultura escolar, entende-se de que forma a PPC foi apropriada, sendo ressignificada pelas alunas e professores do colégio Sion. Aborda-se ainda o trabalho personalizado, central na PPC e nas classes secundárias experimentais do Sion. O espaço do colégio Sion de São Paulo foi transformado, sobretudo suas salas de aula. As carteiras não eram mais organizadas em fileiras fixas e passaram a modificar de acordo com a necessidade das alunas, para melhor realizarem suas pesquisas. As salas passaram a contar com materiais necessários para a pesquisa. A organização do tempo também se modificou, pensando no ritmo das alunas. As alunas passaram a planejar seu trabalho de acordo com seu ritmo, sendo o trabalho personalizado, mas também precisando dar conta das fichas de trabalho em um determinado tempo, geralmente em quinzenas ou semanas. Essa nova configuração do espaço e do tempo marcou a cultura escolar das classes experimentais no colégio Sion, apropriada da PPC de Faure. O trabalho com as fichas assinalou o respeito ao ritmo das alunas onde elas trabalhavam em suas pesquisas de forma ativa, personalizando o ensino. O espírito da PPC de incentivar uma formação de um ser humano autônomo, livre e comprometido se revelou no trabalho pela pesquisa com o uso das fichas que ocorreu nas classes secundárias experimentais do colégio Sion. A PPC mobilizou as classes secundárias experimentais das décadas de 1950 e 1960 nos educandários católicos brasileiros. Faure esteve no Brasil algumas vezes e orientou os trabalhos no colégio Sion de São Paulo. Neste, sua pedagogia foi apropriada trazendo uma nova cultura escolar que modificou aspectos de tempo, espaço e métodos no colégio. Conforme as memórias da coordenadora das classes, a Irmã Maria Luiza de Sion, o ensino tradicional deu

lugar ao trabalho personalizado. As alunas passaram a trabalhar ativamente, podendo organizar seu tempo e sua pesquisa.